

1 Samuel 3.1–21: Deus chama pelo nome

Deus chama pessoas para ouvi-lo, reconhecê-lo e transmitir fielmente sua Palavra, mesmo quando elas ainda estão em processo de formação.

Objetivo

Levar o discípulo a compreender que o chamado de Deus começa com a disposição de ouvir sua voz, continua com a submissão à sua Palavra e alcança sua maturidade quando o discípulo se torna fiel transmissor daquilo que recebeu.

Mensagem central

Deus forma seus discípulos ensinando-os primeiro a ouvir sua Palavra e depois a proclamá-la com fidelidade.

Introdução

Vivemos cercados por vozes. Algumas querem nossa atenção, outras nossa aprovação, outras tentam determinar nossas escolhas. Chegam por pessoas próximas, por instituições, pela cultura, pelas redes, pelo mercado

e até pelos nossos próprios desejos. O problema não é simplesmente que existam muitas vozes. É que, em meio a tantas delas, podemos perder a capacidade de distinguir aquela que realmente merece ser ouvida.

Essa dificuldade não é exclusiva do nosso tempo. A Bíblia também conhece períodos em que a voz de Deus parece silenciosa no meio de uma geração. A Palavra continua existindo, mas sua presença se torna rara na vida pública do povo. É exatamente essa a situação no início de 1 Samuel 3: “Naqueles dias, a palavra do SENHOR era mui rara; as visões não eram frequentes” (1Sm 3.1).

A narrativa, porém, não termina no silêncio. Deus chama um menino pelo nome. Samuel não esperava aquele chamado. Ainda estava aprendendo a servir no santuário e sequer reconheceria que era o Senhor quem falava. Mesmo assim, Deus inicia nele um processo que transformará não apenas a sua vida, mas também a vida de Israel.

A questão que o texto coloca diante de nós está ligada ao discipulado: *como Deus forma uma pessoa para ouvi-lo,*

obedecer à sua Palavra e tornar-se instrumento de sua voz em uma geração que precisa novamente ouvir o Senhor?

Para compreender esse chamado, precisamos enxergar o momento em que Samuel aparece. O livro de 1 Samuel situa-se na transição entre o tempo dos juízes e a monarquia em Israel. Juízes termina com uma frase que resume a crise espiritual e social da época: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que achava mais reto” (Jz 21.25).

O problema de Israel não era apenas a ausência de uma estrutura política estável. Havia uma crise de autoridade espiritual. O povo precisava novamente ouvir a Palavra de Deus e aprender a viver submetido a ela. É nesse cenário que Samuel começa a aparecer.

Narrativa e contextualização

A história de Samuel começara alguns capítulos antes, quando Ana, estéril durante muitos anos, clamou ao Senhor em Siló (1Sm 1.9–18). Deus ouviu a oração, e Samuel nasceu como resposta àquela súplica. Depois de desmamá-lo, Ana o levou ao santuário e o entregou ao Senhor, cumprindo o voto que havia feito (1Sm 1.24–28).

Samuel passou, então, a servir diante do Senhor sob a supervisão de Eli. O texto afirma que “o jovem Samuel crescia diante do SENHOR” (1Sm 2.21) e, depois, que “o jovem Samuel servia ao SENHOR, perante Eli” (1Sm 3.1). O menino estava sendo formado no contexto do culto, sob a orientação de um sacerdote experiente.

O ambiente religioso, porém, não era espiritualmente saudável.

Os filhos de Eli, Hofni e Fineias, são apresentados no capítulo anterior como homens que “não conheciam o SENHOR” (1Sm 2.12). Desprezavam as ofertas, abusavam da posição sacerdotal e tratavam com desprezo aquilo que pertencia ao Senhor (1Sm 2.13–17, 22–25). Deus já havia anunciado juízo contra a casa de Eli (1Sm 2.27–36).

É nesse contraste que Samuel aparece. De um lado, uma liderança sacerdotal em decadência; de outro, um menino que cresce diante do Senhor.

A arqueologia ajuda a iluminar o cenário, sem substituir o texto. Siló funciona como centro de culto nas narrativas de Juízes e dos primeiros capítulos de Samuel, onde estão a arca e a atividade sacerdotal de Eli. Escava-

ções em Khirbet Seilun têm sido relacionadas à antiga Siló, embora as conclusões sobre a natureza e a extensão do santuário devam ser tratadas com cautela. A fonte principal para a compreensão teológica da cena continua sendo a própria Escritura.

O capítulo começa afirmando que “a palavra do SENHOR era mui rara”. O termo hebraico pode transmitir a ideia de algo precioso, escasso ou pouco frequente. O problema não era que Deus tivesse deixado de existir, nem que sua Palavra tivesse perdido autoridade. Era a escassez de revelação profética naquele período.

Ao mesmo tempo, o texto apresenta Eli com os olhos começando a falhar (1Sm 3.2). A condição física do sacerdote possui função narrativa: Eli não consegue enxergar bem, enquanto Samuel ainda não consegue reconhecer a voz de Deus. Um tem dificuldade de ver; o outro, de discernir. A narrativa coloca lado a lado duas formas de limitação.

Então, durante a noite, enquanto a lâmpada de Deus ainda não se apagara e Samuel estava deitado no templo

do Senhor, junto à arca, o Senhor chamou: “Samuel! Samuel!” (1Sm 3.3–4).

O menino responde: “Eis-me aqui”. Ele ainda não sabe quem está chamando. É exatamente aí que começa sua formação. Ele precisa aprender a ouvir e distinguir a voz de Deus.

Samuel estava próximo do lugar onde Deus era adorado, servia no santuário e fora colocado sob a orientação de Eli. Samuel tinha proximidade com o ambiente religioso, porém, ainda não significava maturidade para discernir a voz do Senhor.

O chamado de Samuel mostra que Deus não apenas convoca pessoas para realizar tarefas. Primeiro as forma para reconhecer sua voz, sua Palavra. Podemos acompanhar esse processo em três movimentos: *Deus chama o discípulo para aprender a ouvi-lo, Deus ensina o discípulo a receber e obedecer à sua Palavra, e Deus o transforma em testemunha fiel daquilo que recebeu.*

1. Deus chama o discípulo para ouvir sua voz (3.1–10)

O capítulo começa com uma afirmação que poderia parecer contraditória: “Samuel ministrava perante o SENHOR, sendo ainda menino”, enquanto “a palavra do SENHOR era mui rara” (1Sm 3.1).

Samuel está servindo, mas ainda não reconhece a voz de Deus. Isso ensina algo decisivo sobre discipulado. É possível estar envolvido em atividades religiosas e ainda precisar crescer e desenvolver a capacidade de ouvir e discernir a voz e a Palavra de Deus. Samuel estava no lugar certo, realizava uma tarefa legítima, convivia com Eli e participava do serviço do santuário. Ainda assim, não havia aprendido a reconhecer o Senhor que o chamava pelo nome.

O versículo 7 torna isso explícito: “Porém Samuel ainda não conhecia o SENHOR, e ainda não lhe tinha sido manifestada a palavra do SENHOR”. A afirmação não precisa significar que Samuel não possuísse qualquer conhecimento sobre Deus. Havia sido dedicado ao Senhor, servia diante dele e conhecia a linguagem da adoração. O ponto é outro: ainda não recebera aquela

revelação profética e mais profunda pela qual Deus o constituiria como seu mensageiro.

O chamado, portanto, não é apresentado como descoberta intuitiva da própria vocação. Samuel não acorda de noite e percebe espontaneamente o seu propósito. Deus precisa se auto revelar, chamar e falar. A iniciativa pertence ao Senhor.

Três vezes Deus chama Samuel, e três vezes o menino pensa que é Eli (1Sm 3.4–8). A repetição cria tensão. Samuel ouve uma voz real, mas ainda não sabe identificá-la. Precisa ser ensinado a distinguir a voz do Pastor.

Eli finalmente percebe o que está acontecendo e orienta o menino: “Vai deitar-te; e há de ser que, se alguém te chamar, dirás: Fala, SENHOR, porque o teu servo ouve” (1Sm 3.9).

Há uma ironia importante aqui. Eli é um sacerdote cuja casa está sob juízo, mas ainda possui discernimento suficiente para reconhecer que Deus está chamando Samuel. Mesmo em período de decadência espiritual, Deus pode usar pessoas imperfeitas como instrumentos na formação de outros. Isso não absolve os erros de Eli.

Mostra que a providência de Deus é maior do que as limitações de seus instrumentos humanos.

Samuel volta ao seu lugar e, então, “veio o SENHOR, e ali esteve, e chamou como das outras vezes: Samuel, Samuel!” (1Sm 3.10). Dessa vez, responde conforme havia sido instruído.

A primeira grande lição do chamado é esta: o discípulo precisa aprender a ouvir antes de aprender a falar. No discipulado cristão, essa ordem é fundamental. Existe a tentação permanente de formar pessoas para falar, ensinar, liderar e influenciar antes de ensiná-las a ouvir a voz de Deus e permanecer diante da Palavra. Queremos discípulos capazes de responder às perguntas dos outros, mas antes precisamos formar discípulos capazes de permanecer em silêncio diante de Deus e ouvi-lo.

Dietrich Bonhoeffer, ao refletir sobre a vida comunitária cristã, atribui importância fundamental ao ministério da Palavra e à capacidade de recebê-la antes de pretender falar aos outros. O princípio é profundamente coerente com Samuel: o verdadeiro mensageiro não co-

meça com aquilo que deseja dizer; começa com aquilo que recebeu.

Aplicação: Precisamos perguntar se nossa formação espiritual está produzindo pessoas que conhecem muitas respostas ou pessoas que realmente aprenderam a ouvir a voz de Deus e submeter-se à sua Palavra. É possível acumular sermões, livros, cursos, conceitos teológicos e experiências ministeriais e ainda não cultivar a disposição essencial do discípulo: “Fala, Senhor, porque o teu servo ouve e ouve porque aprendeu e sabe que essa é a sua voz”.

O discípulo não determina antecipadamente o que Deus deve dizer. Coloca-se diante da Palavra disposto a ser corrigido, confrontado, instruído e transformado. Antes de formar pregadores, líderes ou professores, precisamos formar ouvintes da voz e da Palavra de Deus. Antes de ensinar alguém a explicar a Bíblia, precisamos ensiná-lo a submeter-se a ela.

Samuel ainda não está pronto para falar ao povo. Primeiro, precisa aprender a ouvir e discernir a voz de Deus.

2. Deus forma o discípulo para receber e obedecer à sua Palavra (3.10–18)

Quando Samuel responde: “Fala, porque o teu servo ouve” (1Sm 3.10), Deus finalmente revela a mensagem. E ela não é fácil. Deus diz que fará em Israel algo que faria “tinir ambos os ouvidos a todo o que dele ouvir” (1Sm 3.11). A mensagem diz respeito ao juízo sobre a casa de Eli, confirmando o que já havia sido anunciado no capítulo anterior (1Sm 2.27–36).

Esse detalhe é essencial para compreender o chamado profético. Samuel não é convocado simplesmente para falar o que as pessoas desejam ouvir. É chamado para receber uma palavra de Deus e transmiti-la, mesmo quando essa palavra é difícil.

O menino teria motivos humanos para evitá-la. Eli era seu mentor, o sacerdote sob cuja supervisão crescera. Samuel lhe devia respeito, pois passou mais tempo com Eli do que com a própria família. Além disso, a mensagem anunciava juízo contra a casa daquele homem.

O chamado, porém, o coloca diante de uma questão maior do que a conveniência pessoal: ele será fiel à Palavra recebida?

O versículo 15 diz que Samuel ficou deitado até pela manhã e, então, “abriu as portas da Casa do SENHOR”. O texto acrescenta que ele “temia relatar a visão a Eli”.

O temor é compreensível. Samuel não está brincando de profeta. Sabe que recebeu uma mensagem séria. Eli, porém, insiste: “Que palavra é a que te falou? Peço-te que não me encubras” (1Sm 3.17). Samuel então conta tudo e “não lhe encobriu nada” (1Sm 3.18).

Aqui está uma das primeiras marcas da maturidade de todo o discípulo: aprende que fidelidade à Palavra é mais importante do que conforto pessoal. Às vezes falamos e não estamos confortáveis para falar.

Esse princípio precisa ser preservado no discipulado. Um discípulo maduro não é aquele que consegue tornar qualquer verdade bíblica agradável. É aquele que permanece fiel à Palavra mesmo quando ela confronta os seus interesses ou os interesses daqueles que ele ama.

Isso também protege a liderança de transformar o mensageiro em administrador da reação das pessoas. O profeta bíblico não pode alterar a mensagem para preservar popularidade. O pregador não pode substituir a Palavra de Deus por aquilo que acredita produzir maior aceitação. A primeira mensagem de Samuel é uma palavra de juízo. Seu ministério começa não com um púlpito, mas entregando uma mensagem de forma pessoal, homem a homem e precisa executar o trabalho com fidelidade.

J. I. Packer enfatizou repetidamente a centralidade da revelação de Deus para o conhecimento cristão. Não chegamos a conhecer Deus projetando sobre ele as nossas ideias; Deus precisa se revelar. E, quando se revela, a resposta adequada não é controlar a mensagem, mas recebê-la com submissão. Se formarmos pessoas para agradar, elas serão facilmente corrompidas pela necessidade de aprovação. Se as formarmos para conhecer e obedecer à Palavra, estarão mais preparadas para permanecer fiéis quando o ministério se tornar difícil.

Aplicação: Precisamos ensinar que fidelidade e popularidade não são sinônimos. Algumas verdades serão recebidas com alegria; outras provocarão resistência e rejeição. O discípulo não pode medir sua fidelidade apenas pela reação daqueles que o ouvem.

Isso não significa desenvolver uma postura agressiva ou indiferente a dor das pessoas. Samuel não anuncia a mensagem com arrogância, nem mesmo está feliz. Tem medo, mas obedece. Há humildade em sua postura e firmeza em sua fidelidade. O verdadeiro mensageiro não precisa ser rude para ser fiel, nem infiel para ser agradável. Precisa aprender a falar a verdade de Deus com o coração de quem primeiro ouviu essa verdade para si mesmo.

Samuel agora aprendeu a ouvir, e aprendeu que ouvir implica obedecer. Mas o chamado não termina nele. A Palavra que Deus coloca em seus lábios alcançará todo o povo.

3. Deus transforma o discípulo em testemunha fiel de sua Palavra (3.19–21)

Os últimos versículos do capítulo mostram a consequência do chamado. “Crescia Samuel, e o SENHOR era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra” (1Sm 3.19).

A expressão “não deixou cair em terra” é extraordinariamente significativa. Aquilo que Samuel proclamava como Palavra de Deus não ficava sem cumprimento. O verdadeiro profeta não era validado pela força de sua personalidade, mas pela fidelidade da Palavra que Deus colocava em sua boca.

O texto continua: “Todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do SENHOR” (1Sm 3.20). Observe o movimento. No início do capítulo, Samuel não sabe reconhecer a voz de Deus. No final, todo Israel reconhece que Samuel é profeta do Senhor. O menino que precisava aprender a ouvir tornou-se o homem e representante por meio de quem Deus falava ao povo.

Esse é o processo de formação. O discipulado bíblico não termina quando alguém aprende a ouvir e receber. Amadurece quando aquilo que foi recebido começa a ser transmitido fielmente a outros.

O versículo 21 conclui: “Continuou o SENHOR a aparecer em Siló, porquanto o SENHOR se manifestava a Samuel, em Siló, pela sua palavra”. O contraste com o versículo 1 é deliberado. No início, a Palavra era rara. No final, Deus novamente se manifesta por meio dela.

Não é Samuel quem produz um avivamento por sua própria capacidade. Deus volta a falar. Essa distinção é fundamental. A formação de Samuel não é a história de um menino extraordinariamente talentoso que salva Israel de uma crise espiritual. É a história de um Deus que, por graça, decide falar novamente e prepara um servo para transmitir o que ele diz. A fonte da Palavra continua sendo Deus. O instrumento é Samuel, ele foi chamado, formado e enviado.

Essa distinção deve governar todo discipulado cristão. O discípulo não é chamado para criar uma mensagem original que substitua a Palavra de Deus. É chamado pa-

ra receber, compreender, viver e transmitir a Palavra que Deus já revelou.

Por isso Paulo dirá a Timóteo: “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2Tm 2.2). A lógica é a mesma: receber, guardar, transmitir e formar outros. Alguém nos ensinou. Nós recebemos. Somos transformados. Transmitimos. Outros recebem. E também ensinam.

Robert Coleman, ao estudar o ministério de Jesus, demonstra como o Mestre investiu deliberadamente em pessoas que posteriormente continuariam a obra. O método de Jesus não consistia simplesmente em comunicar informação teológica a multidões, mas em formar discípulos que pudessem carregar a missão adiante. Samuel oferece uma expressão veterotestamentária desse princípio: Deus forma um servo para que sua Palavra alcance uma comunidade inteira.

Aplicação: Precisamos avaliar o objetivo do nosso discipulado. Estamos formando pessoas que dependem permanentemente de nós ou pessoas que aprenderam a

depende da Palavra de Deus? Eles são nossos discípulos, ou discípulos de Cristo? Estamos criando admiradores da nossa maneira de ensinar ou discípulos capazes de abrir as Escrituras, discernir a verdade, obedecê-la e ensiná-la a outros para que se tornem discípulos de Cristo?

O discipulado saudável não cria cópias da personalidade do discipulador, é por isso que não temos discípulos. Formamos pessoas que pertencem ao Senhor e que, por isso, podem continuar fiéis mesmo quando o discipulador não está presente. Samuel não deveria passar o resto da vida dependendo de Eli para reconhecer a voz de Deus. Eli o ajudou a reconhecer o chamado; o objetivo era que Samuel aprendesse a ouvir o próprio Senhor.

Essa é a diferença entre acompanhamento espiritual saudável e dependência espiritual. O bom discipulador não diz: “Aprenda a ouvir a mim”, “Seja meu discípulo”. Ensina: “Aprenda a ouvir a Palavra de Deus”, “Seja discípulo de Jesus”, pois quando eu não estiver mais presente o Senhor sempre estará com você.

Quando isso acontece, o discípulo começa a crescer. E, quando cresce, torna-se capaz de formar outros.

O Evangelho e o Messias no texto

A história de Samuel está inserida na grande narrativa em que Deus levanta mensageiros para revelar sua vontade ao seu povo. Samuel é profeta, juiz e instrumento de Deus na transição para a monarquia. Sua vida ocupará posição estratégica na história de Israel, especialmente na unção de Saul e, depois, de Davi.

Mas Samuel não é o destino final dessa história. O Antigo Testamento apresenta uma sucessão de profetas, sacerdotes e reis que, embora usados por Deus, permanecem incompletos. Cada um deles aponta para a necessidade de alguém superior, um Mediador definitivo. Samuel ouve a Palavra de Deus e a transmite; Cristo é a própria Palavra de Deus que se fez carne (Jo 1.1, 14).

Samuel precisa dizer: “Fala, porque o teu servo ouve”. Jesus, porém, não aparece simplesmente como mais um profeta que recebeu uma mensagem, Ele é a mensagem. É o Filho eterno que veio revelar perfeitamente o Pai. Hebreus 1.1–2 afirma que Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos pais, pelos profetas, mas “nestes últimos dias nos falou pelo Filho”. O chamado de Samu-

el, portanto, participa de uma história que conduz à revelação definitiva em Cristo.

Há também uma relação entre a crise espiritual de Israel e a missão de Cristo. O povo precisava ouvir novamente a Palavra de Deus. Cristo veio como aquele em quem a revelação de Deus alcança sua plenitude. Nele, Deus não apenas envia mais uma mensagem; aproxima-se do seu povo de maneira definitiva.

Isso transforma a compreensão do discipulado. O objetivo não é formar discípulos que simplesmente conheçam a voz de um líder cristão. É conduzi-los a Cristo, a Palavra viva de Deus. Não queremos pessoas que reproduzam nossas preferências, nossos métodos ou nossa personalidade. Queremos discípulos conformados à imagem de Cristo. Discípulos de Cristo para Cristo.

Existe ainda uma dimensão missionária. Samuel recebe a Palavra para transmiti-la a Israel. A Igreja recebe o evangelho para anunciá-lo às nações. Jesus ordena aos seus discípulos que façam discípulos para Ele, de todas as nações, ensinando-os a guardar tudo quanto ele orde-

nou (Mt 28.18–20). O movimento é semelhante: Cristo chama, forma, ensina e envia.

Samuel vive em um período em que a Palavra do Senhor era rara. A Igreja vive depois da encarnação, morte, ressurreição e ascensão de Cristo, e recebeu o testemunho apostólico registrado nas Escrituras. Não esperamos uma nova revelação que substitua ou complete o evangelho. Somos chamados a permanecer na Palavra já revelada e a transmiti-la fielmente.

O discipulado cristão, portanto, não consiste em procurar novas vozes espirituais para substituir a Palavra de Deus. Consiste em formar pessoas capazes de ouvir as Escrituras, compreender o evangelho, obedecer a Cristo e ensinar outros a fazer o mesmo.

Samuel nos ensina a dizer: “Fala, Senhor”. Cristo nos ensina aquilo que essa voz revela definitivamente: Deus salva pecadores por sua graça, por meio da obra de seu Filho. E o discípulo que recebeu essa Palavra não deve guardá-la para si. Deve transmiti-la.

Conclusão

1 Samuel 3 começou com uma crise: “a palavra do SENHOR era mui rara”. Terminou com outra realidade: “o SENHOR se manifestava a Samuel... pela sua palavra”. Entre essas duas declarações está o chamado de um menino.

Samuel precisou aprender a reconhecer a voz de Deus, receber uma palavra difícil e transmiti-la com fidelidade. Não começou como um grande profeta. Começou como um servo que precisava aprender a ouvir. Esse continua sendo o princípio do discipulado.

Antes de ensinar, precisamos aprender. Antes de falar, precisamos ouvir. Antes de formar outros discípulos, precisamos ser formados pela Palavra de Deus. E, quando Deus nos chama, o objetivo não é fazer de nós o centro da mensagem. É fazer de nós instrumentos fiéis de uma Palavra que pertence a ele. O discípulo maduro não é aquele que faz sua própria voz ser ouvida, mas aquele que aprendeu a ouvir a voz de Deus e a transmiti-la fielmente a outros para que a voz e a vontade de Deus se torne conhecida entre todas as nações.